
Cadernos ASLEGIS

ISSN 1677-9010 / www.aslegis.org.br

Quem levou a pistola de fidel?¹

Edmilson Caminha¹

Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados
Área de Redação e Discurso Parlamentar

Em 1960, durante recepção na Embaixada do Brasil em Cuba, desaparece misteriosamente a arma que o comandante de Sierra Maestra deixara no banheiro. Quem praticou o furto? Como driblou a segurança de Fidel? Que conseqüências poderia ter o acontecido? Eram as perguntas que se faziam Jânio Quadros, Fernando Sabino, Rubem Braga, Villas-Boas Corrêa e outros famosos brasileiros presentes...

¹ Parte da monografia resultante do projeto "Brasil e Cuba: modos de ver, maneiras de sentir", desenvolvido pelo autor junto à Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO – Brasil), durante licença – capacitação concedida pela Câmara dos Deputados.

Detesto ladrões. Preferia levar um tiro a ser roubado.

Fidel Castro

No dia 28 de março de 1960, os escritores Fernando Sabino e Rubem Braga chegam a Cuba para uma visita de cinco dias, na comitiva do então Deputado Federal Jânio Quadros, candidato a Presidente da República. Certo postulante a ministro tentou barrar-lhes a inclusão no grupo, como relata Sabino²: “Alegava (não sem alguma razão) que não éramos jornalistas militantes, mas simples cronistas, e portanto uma presença não muito conveniente na comitiva de um candidato à Presidência da República. Insistimos em vir assim mesmo, porque achamos que em meio a tantos caciques, era bom que houvesse pelo menos dois índios.”

“Os jornalistas militantes são o Castellinho, Marcito Moreira Alves, Castejon Branco, Carlão Mesquita, Hélio Fernandes, Murilo Melo Filho, Villas-Boas Corrêa, além de representantes de jornais e rádios de São Paulo. Entre os políticos, Afonso Arinos, Adauto Cardoso, Quintanilha Ribeiro, Castilho Cabral, José Aparecido, Murilo Costa Rego, Cid Sampaio, Seixas Dória, Paulo de Tarso, Juracy Magalhães Júnior. E ainda João Ribeiro Dantas, Augusto Marzagão e Francisco Julião, o das Ligas Camponesas, que entrou mudo e saiu calado. Sem falar em algumas senhoras que vieram acompanhando os maridos. A começar pelo próprio Jânio, que trouxe a mulher, a filha e a sogra. Uma comitiva para todos os gostos.”³

Nessa viagem, deu-se um acontecimento que, se não se tornou conhecido em Cuba, acabou por entrar no folclore político brasileiro: o sumiço da pistola de Fidel. Conta Sabino⁴ que o furto ocorreu durante recepção oferecida pelo embaixador Vasco Leitão da Cunha, na Embaixada do Brasil em Havana. Para não comparecer armado à entrevista coletiva com a imprensa brasileira, o líder cubano deixa no banheiro a pistola Colt 45 que portava à cintura, presente de Guevara⁵ nos primeiros tempos da Revolução: “chapeada a ouro na culatra, com o

² “Nosso homem em Havana % 1960”, in *De cabeça para baixo*, p. 35.

³ *Op. Cit.*, p. 35.

⁴ “Uma pistola a menos”, in *O gato sou eu*, p. 35.

⁵ *Op. cit.*, p. 37.

seu nome gravado — um objeto de estimação.²⁶ Ao final do encontro, a arma desaparece misteriosamente, para desespero do convidado e para constrangimento dos anfitriões. Fidel surpreende os brasileiros quando volta pouco depois à Embaixada, na esperança de reaver a arma: “Detesto ladrões. Preferia levar um tiro a ser roubado.”²⁷ Segundo o cronista, a pistola acabou sendo encaminhada anonimamente à Embaixada do Brasil, que a devolveu ao dono. Por estranha coincidência, naquela mesma noite sumira, no hotel em que se achavam os brasileiros, o terno com que Jânio compareceria à recepção⁸, substituído, em cima da hora, pelo que providencialmente lhe cedera um membro da comitiva...

Passados tantos anos, a história da arma é, vez por outra, lembrada na imprensa brasileira. Villas-Boas Corrêa⁹ reproduz depoimento de Eduardo de Carvalho Lago, então servidor na chancelaria brasileira em Havana, com certos retoques quanto ao testemunho de Sabino. Para o funcionário do Itamaraty, a arma não fora presentada ao líder guerrilheiro por Guevara, mas por um russo, conforme a inscrição na plaqueta de ouro: “Ao herói do povo cubano, a amizade de Anastas Mikoyan”. Dias depois, a pistola não é anonimamente encaminhada à representação do Brasil, mas restituída em pessoa por um “servidor categorizado” do próprio governo cubano, que, em razão de muito uísque, vai ao banheiro da embaixada, vê a pistola esquecida e não tem dúvida: esconde-a sob a *guayabera*, para levá-la como lembrança daquela prazerosa noitada. Manhã seguinte, ao se dar conta de que surrupiara o Colt 45 de ninguém menos do que o seu comandante, devolve-o ao colega brasileiro com mil desculpas pelo gesto impensado, e o pedido de que jamais o aponte como autor do furto...

En passant, Villas-Boas Corrêa desmente o advogado e articulista Saulo Ramos, que lhe atribui a versão segundo a qual fora o repórter brasileiro Tico-Tico quem, verdadeiramente, afanara o trabuco de Fidel: “Não sei onde Saulo Ramos catou o cascalho de tão estapafúrdia tolice. Na rica garimpagem das tramas sigilosas da visita de Jânio ao interminável mandato que Fidel Castro iniciava, depois de derrubar a

⁶ *Idem, ibidem.*

⁷ *Id., ibid.*

⁸ *Id., p. 38.*

⁹ “O sumiço da pistola de Fidel”, *Jornal do Brasil*, 9 de julho de 2004.

ditadura do sargento Batista, o sumiço da pistola não passou da categoria de uma cortina pitoresca na comédia que se fingia de séria. Se escrevi alguma linha, foi na toada da gozação. E jamais atribuí, ou soube que disso tenham suspeitado, ao destemperado Tico-Tico o surrupio da arma de Fidel na alocada mania do furo.¹⁰

¹⁰ *Op. cit.*